



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'O Escritor', de Alexandre Herculano; 'O Cidadão e o Historiador', de Alexandre Herculano]

Ana Ramalhete

Para citar este documento / To cite this document:

Ana Ramalhete, "[Recensão crítica a 'O Escritor', de Alexandre Herculano; 'O Cidadão e o Historiador', de Alexandre Herculano]", *Colóquio/Letras*, n.º 179, Jan. 2012, p. 248-251.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

do contemporâneo de um excesso de informação desprovida de saber e estar mais atento às lições da negligenciada filosofia (cf. p. 62) e dos velhos livros clássicos (cf. p. 65). O romance de Henrique Monteiro demonstra que um tempo (ou conceito) novo não é necessariamente melhor do que o seu precedente. E o facto é que a trajetória da civilização humana não se tem pautado pelo progresso contínuo, havendo épocas de retrocesso, como alerta a narradora ao evocar o ensaio setecentista de Gibbon sobre a queda do Império Romano. Ouvir os idosos poderá minorar o risco de repetir os mesmos erros...

Cristina Vieira

NOTA

¹ Vergílio Ferreira, *Em nome da Terra*, 2.ª ed., Lisboa, Bertrand, 1990, p. 38-9.

ANTOLOGIA

ALEXANDRE HERCULANO

VOL. I — O ESCRITOR

Organização de António Machado Pires e Maria Helena Santana

VOL. II — O CIDADÃO E O HISTORIADOR

Organização de Vitorino Magalhães Godinho e Eurico Gomes Dias

Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / 2010

As comemorações podem ter o valor de abrir caminho para, em torno de obras ou acontecimentos, gerar novos escritos e eventos resultantes de releituras e reanálises, retirando, por vezes, produções culturais ou factos políticos de um imerecido esquecimento. A coincidência da comemoração do centenário da implantação da República, justamente criando uma vasta produção cultural em seu torno, ofuscou a lembrança dos duzentos anos

do nascimento de Alexandre Herculano (1810-1877), salvo algumas exceções, entre as quais a atenção dada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, representada por uma antologia em dois volumes de obras do autor. Talvez ainda como referência à República, encontramos as cores que passaram com ela a símbolo da portugalidade: o vermelho e verde que marcam no aspecto gráfico as lombadas dos dois volumes da edição; cores que, embora distantes da realidade política de Herculano, poderão ir ao encontro da sua primordial preocupação com a Pátria.

Os volumes representam mais do que organizações antológicas de obras de Alexandre Herculano e informações biobibliográficas. Oferecem elaborados estudos introdutórios que relevam as razões que presidiram à escolha dos textos. Ao longo destes estudos preambulares vai sendo referida alguma bibliografia passiva referente a aspectos da obra de Herculano.

No primeiro volume, o facto de haver dois especialistas de reconhecido mérito, António Machado Pires e Maria Helena Santana, a tratar da vertente literária da obra de Herculano permite ao leitor beneficiar de duas abordagens e linguagens críticas. No segundo volume, com uma antologia de textos variados, essencialmente retirados de vários tomos dos *Opúsculos*, os organizadores optaram por manter a ortografia das edições utilizadas. O próprio artigo introdutório, assinado por Vitorino Magalhães Godinho, utiliza formas ortográficas da reforma anterior à que está neste momento também em transição. Junta-se-lhe ainda Eurico Gomes Dias na organização do volume.

De forma concisa e densa, no prefácio do volume *O Escritor*, António Machado Pires faz uma apresentação abrangente aos dois volumes desta publicação, ressaltando o valor para a cultura portuguesa da figura cujo bicentenário se comemora,

traçando ainda as linhas fundamentais da sua escrita. Nota-se a preocupação em mostrar Herculano como «uma referência geracional, um paradigma literário e um exemplo cívico [...] de profundo amor à séria investigação historiográfica» (p. 7). No tratamento dado à utilização de temáticas históricas na ficção, assinala-se o «proveito estético, cívico e pedagógico» que se retira destes seus escritos. Faz-se também referência aos momentos de «polemista» (p. 8) de Herculano. Na informação biográfica fornecida fica marcado o seu envolvimento político e defesa de valores.

Na introdução que se segue ao prefácio, para além de estudos mais pormenorizados sobre a poesia e sua datação, acentua-se o conceito de liberdade no catolicismo de Alexandre Herculano, donde decorrem críticas ao clero ligado ao absolutismo. É ainda mencionada a polémica com o clero por este sério historiador não ter mencionado o milagre de Ourique na sua *História de Portugal*. Sem deixar de se referir a apropriação por Herculano de técnicas do Romantismo, destaca-se o pretendido valor pedagógico ao serviço do cidadão nas ficções históricas (p. 26), nomeadamente no estudo sobre *O Bobo*, salientando-se ainda a importância do periódico *O Panorama* na divulgação cultural, onde muitas das obras do escritor foram sendo publicadas em fascículos.

A finalizar a introdução, Maria Helena Santana comenta os textos escolhidos para a antologia (em transcrições totais ou parciais, consoante a sua dimensão). Em primeiro lugar, o marcadamente romântico *Eurico, o Presbítero*, publicado em folhetins n' *O Panorama* e na *Revista Universal Lisbonense*. O estudo vem recordar (p. 29) estar o texto «Destrução de Aúria» na sua génese, embora Herculano o não refira. A preocupação de preservar a memória arquitetónica fica registada em

O Monge de Cister, que forma com *Eurico* o núcleo apelidado *O Monasticon*, onde ressalta o tema da «solidão sacerdotal» (p. 38). A teorização sobre o romance histórico feita por Alexandre Herculano no início das obras vai merecer especial atenção da parte da autora com uma aproximação da *gothic novel* (p. 35-6).

Na sua análise de *O Bobo*, localizado temporalmente no reinado de D. João I e espacialmente em Lisboa, Maria Helena Santana acentua que Herculano, numa «reconstituição dos costumes, da vida social e política da cidade» (p. 39), constata a presença multicultural de judeus, cristãos e mouros (p. 40) num convívio medieval de cumprimento da lei.

São ainda tratados e valorizados textos maioritariamente publicados em *O Panorama* e recolhidos por Herculano em *Lendas e Narrativas*. Apesar de escritos de juventude, são por ele relevados por representarem um novo género na literatura portuguesa. Do conjunto, a autora retira «A Dama Pé-de-Cabra», que liga ao romanceiro popular, optando por não mencionar a sua origem no Livro de Linhagens. «O Pároco de Aldeia», que surge parcialmente na antologia, comentando-se, contudo, não se reportar a tema do passado, tal como «De Jersey a Granville», que diverge igualmente do resto dos textos incluídos nas *Lendas e Narrativas*. A componente *Narrativas* que o autor quis dar ao título da sua coletânea de escritos literários ter-lhe-á permitido incluir estes textos num conjunto em que prevalece o uso de temática histórica.

Foi já referido que o segundo volume da antologia, com o subtítulo *O Cidadão e o Historiador*, tem na organização os nomes de Vitorino Magalhães Godinho e Eurico Gomes Dias. Numa extensa obra como a de Herculano, terá sido difícil fazer uma opção pelos textos a selecionar e a sua representatividade dependerá não apenas

de um valor intrínseco mas dos interesses e perspectivas de quem faz a seleção. O estudo de cerca de 90 páginas assinado por Vitorino Magalhães Godinho vai usar artigos de Herculano maioritariamente retirados dos *Opúsculos*, para construir uma narrativa em que expõe aspectos do seu pensamento. Esta introdução, intitulada «Herculano, o cidadão e o historiador no mundo do progresso», faz um enquadramento do período da vida de Herculano, acentuando as mudanças ocorridas ao longo do século XIX e o seu posicionamento perante elas, marcando que a ideia de progresso presidiria ao seu pensamento. As revoluções norte-americana e francesa em finais do século anterior abriam novos caminhos de governação, pondo em destaque as noções de «nação e povo».

Na senda de Borges Coelho e Barradas de Carvalho, o comentador considera não ter Herculano feito leituras em primeira mão dos filósofos, não olhando os homens como guiados apenas pela razão, mas também pelas paixões e afetos, embora os considere «de natureza imutável» (p. 20), contradizendo-se quando refere as diferenças entre o presente e o passado. Magalhães Godinho reporta esta contradição à «dupla mentalidade (de crente e de cientista)» (p. 20). Enquanto historiador, Herculano olhava para a história como ciência pragmática ao serviço do futuro, tendo sempre a liberdade como valor fundamental, pugnando por uma análise do real e das tradições (que bem conhecia pelas deslocações feitas para a recolha documental transcrita no *Portugaliae Monumenta Historica*), não impondo modelos vindos de fora sem adaptação. Rejeitava Herculano marcações temporais da história que não considerava adequadas, deixando como critério que devia nortear as «transformações essenciais da sociedade». O processo de compartimentação temática utilizado neste estudo

de Magalhães Godinho acaba, necessariamente, por duplicar alguma da informação fornecida.

O comentário de Barradas de Carvalho sobre o indivíduo na sociedade do liberalismo e o indivíduo fruto da sociedade no historicismo vai servir a Magalhães Godinho para apontar dois planos na obra de Herculano: o moral «da responsabilidade do indivíduo» e o «da organização social e esforços colectivos» (p. 25) e comentar ter-lhe sido difícil «articular os dois» na *História de Portugal*.

Em termos metodológicos, anota-se a preocupação de Herculano com a fidelidade dos documentos, seguida da sua interpretação, não permitindo que o uso da linguagem o induzisse em erro; considerava que a História visando chegar à síntese necessitava ainda de muitos elementos que permitissem atingir esse conhecimento. Baseando-se em diversos textos, Magalhães Godinho vai fazer o estudo do pensamento de Alexandre Herculano através da análise do conteúdo de vocábulos como «nação», «raça» ou «língua».

O estudo do pensamento de Herculano sobre a vida em sociedade, rejeitando a perspectiva do «homem de natureza», apontava para a necessidade de se ter em conta a liberdade individual, numa sociedade vista como constituída por indivíduos em relações sociais, legitimando-se a revolução «se o poder destrói o pacto social» (p. 69). A história dos indivíduos não é considerada significativa, mas sim os esforços coletivos. Para o romance deixavam-se as atitudes individuais. Como afirma Vitorino Magalhães Godinho, embora considerasse as classes sociais marcadas pela desigualdade, «Herculano rejeita [...] o socialismo como solução, mas valoriza a crítica socialista à opressão do proletariado» (p. 77). Aponta-se o apreço de Herculano pela Idade Média, considerando ter a expansão conduzido ao absolutismo, com

um efeito perverso a nível ético, desvalorizando o trabalho e criando «o madraço e o mendigo» (p. 94). Deixando a ideia de que algumas leituras faltaram a Herculano para entender o absolutismo, Magalhães Godinho critica-o por não valorizar o desenvolvimento cultural e científico produzido desde o Renascimento.

A sapiência da construção de uma antologia consiste em conduzir a uma vontade de leitura e conhecimento aprofundado da globalidade da obra de um autor.

Ana Ramalheira

ENSAIO

Ofélia Paiva Monteiro

ESTUDOS GARRETTIANOS

Prefácio de Sérgio Nazar David

Rio de Janeiro, Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / 2010

Com *Estudos Garretianos* assistimos, de algum modo, a uma visão importante da intra-história da configuração do cânone garrettiano e, ao mesmo tempo, à chamada de atenção para outros aspectos bastante ilustrativos da obra do autor, muito menos considerados pela historiografia.

O livro recolhe, arrumados em quatro capítulos — «Perspectivas Globalizantes», «Teatro», «Narrativa», «Facetas do Educador Social» —, onze trabalhos da autora introduzidos por uma boa síntese de Sérgio Nazar David. «Deus, Natureza, Homem no Universo Garretiano» é, utilmente, o primeiro, ao colocar alguns dos elementos fulcrais que enformam o *corpus* reflexivo romântico como projeção ideológica e que, no caso de Garrett, pelas suas origens e primeiras formações, têm particular interesse. A autora mostra, ao lado do fundamental pouso religioso que

o sustenta, a forte presença das Luzes na configuração do pensamento do jovem autor e a sua evolução para um relativo ceticismo, com sinceridade que podemos qualificar de romântica, que acompanha, e esta é uma chave que não deve negligenciar-se, toda a sua obra: um dos legados mais poderosos (não necessariamente positivos), penso, do *corpus* ideológico do autor.

Já neste texto é salientado um do aspecto do que vem a ser uma das principais achegas do volume: as várias reflexões da autora sobre a passagem de uma conceção *simtética* da política e da sociedade para uma consideração *analítica*; ela, não abandonando a raiz iluminista, vai pondo de parte a visão newtoniana da Natureza como equilíbrio e regulação para dar passo a um relativismo que estrutura boa parte da atuação política e cultural de Garrett. Ofélia Paiva Monteiro observa como espaço e tempo aparecem na obra garrettiana como categorias relativizantes, ligadas a esse carácter analítico; e como, igualmente, o relativismo da *análise* vai conduzi-lo ao seu progressivo centrismo, que explica, parece-me, o lado particularmente vulnerável que, à esquerda do liberalismo, Garrett oferece em matérias como a religião ou a representatividade democrática.

Com profundidade interpretativa, Paiva Monteiro oferece amostras da busca de «conciliação garrettiana» (que de novo será focada na conclusão do artigo seguinte e noutros do livro) de cristianismo, liberdade e «Esperança metafísica», nem sempre pacífica, como a Maria do *Frei Luís de Sousa* exemplifica. Isto permite-nos pensar, ao menos como hipótese, ser na esfera literária que a intervenção garrettiana se torna mais complexa e matizável, donde se poderia concluir que é o instrumento ficcional, no quadro do Romantismo, não apenas do de Garrett, o que atua como repositório mais forte da